

## Os desafios da dengue

### *The challenges of dengue*

Paola Zucchi<sup>1</sup>

Nos últimos anos temos sido bombardeados com notícias sobre o surgimento de novas doenças ou mesmo o recrudescimento de antigas. Dengue, zika, chicungunha e H1N1 são exemplos atuais no Brasil e no mundo.

Quando analisamos o cenário brasileiro, observamos desigualdades socioeconômicas; crise econômica e política; envelhecimento populacional; mudanças demográficas e no comportamento das doenças crônicas que incidem em populações cada vez mais jovens; e alterações das condições ambientais.

Associado a isso, temos presenciado um processo de urbanização descontrolado, ocasionando acúmulo de lixo e saneamento e limpeza urbana insuficientes. Outro fator importante a ser lembrado é que vivemos um período de mudanças climáticas que fizeram com que o mosquito transmissor da dengue encontrasse condições favoráveis para o seu desenvolvimento.<sup>1</sup>

A dengue é a arbovirose de maior importância hoje no mundo, com cerca de 2,5 bilhões de pessoas vivendo em países nos quais a doença ocorre de forma endêmica.<sup>2,3</sup> A infecção causa desde quadros assintomáticos até formas mais graves que podem evoluir para óbito.<sup>1</sup>

A partir da década de 1960, a dengue tornou-se um grave problema de saúde pública,<sup>4,5</sup> e no cenário descrito anteriormente podemos imaginar o quanto o sistema de saúde é sobrecarregado sobretudo quando associado a ela, zika e chicungunha, doenças novas, desconhecidas em nosso meio e que pioram ainda mais o cenário da saúde.

O combate das epidemias através de políticas públicas deve ser planejado e constantemente avaliado na tentativa de garantir que acompanhem cada passo da epidemia instalada. Dessa forma, o Programa de Controle da Dengue, implantado a partir de 2002, assumiu características de política de saúde permanente.

É importante pensarmos no impacto econômico da dengue, que ainda não é totalmente conhecido, e também no impacto da zika e da chicungunha, doenças novas para as quais a comunidade científica ainda não tem as informações necessárias para o enfrentamento. Quais os problemas para a sociedade em geral e para o sistema de saúde que o momento pode trazer? Quais serão os custos que a sociedade e o sistema de saúde deverão suportar? Não sabemos ainda.

O Ministério da Saúde realizou estudos para avaliar as condições de organização dos serviços e das práticas profissionais<sup>6</sup> que mostraram a importância da qualificação das informações para que a epidemia fosse mais bem entendida e enfrentada. Desde o aumento da transmissão de dengue no início da década de 2000, o Sistema Único de Saúde tenta manter seus guias de manejo e a capacitação das equipes de saúde.<sup>7,8</sup> Apesar dessas iniciativas, observa-se o aumento dos números relacionados à dengue e o aparecimento da zika e chicungunha.

Os fatos mostram que há necessidade de melhor organização da resposta do sistema de saúde a essas epidemias, exigindo esforço de mobilização dos gestores e da população, com um permanente processo de capacitação dos profissionais de saúde. Os dados evidenciam casos mais graves atingindo grupos vulneráveis da população como crianças, idosos e portadores de comorbidades. Os serviços de vigilância em saúde precisam estar atentos às tendências dessas doenças para conseguir rapidamente detectar mudanças de seu perfil e orientar ações de controle.

Em 1995 a Organização Mundial da Saúde (OMS) desenvolveu a Estratégia Global de Prevenção e Controle da Dengue e Febre Hemorrágica da Dengue, baseada em cinco principais componentes: controle seletivo e integrado do vetor; envolvimento da comunidade e participação intersetorial com o controle feito diretamente em áreas de maior risco de transmissão, integrando métodos próprios de maior custo efetivo e gerenciamento econômico; vigilância ativa da doença, baseada em forte sistema de informação de saúde, envolvendo diagnóstico clínico e laboratorial para detecção precoce de epidemias, monitoramento do mosquito e avaliação constante dos programas; prontidão da infraestrutura de emergência, com o desenvolvimento de planos de contingência e emergência incluindo capacitação dos profissionais de saúde, planos de hospitalização, gerenciamento e controle emergencial do vetor; capacitação e treinamento de profissionais em ações de vigilância, diagnóstico laboratorial, gerenciamento de casos e controle do vetor nos níveis técnicos e gerenciais; pesquisas incluindo estudos biológicos e de controle do vetor, relação com outras doenças, planejamento de programas com componentes sociais e econômicos e análise de custo-benefício.<sup>9,10</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – São Paulo (SP), Brasil.

Contato: paola.zucchi@grides.com.br

Recebido em 02/04/2016. Aceito para publicação em 26/04/2016.

A dengue é uma doença que apresenta um forte componente de participação social, e a adoção de abordagens educacionais pressupõe mudanças de conduta impulsionadas pelo conhecimento transmitido à população acerca das medidas de controle do vetor e características da doença, e pela construção de parcerias com líderes políticos e entidades comerciais, bem como outras ações externas ao setor saúde como, por exemplo, educação e planejamento urbano.

Nesse sentido é necessário desenvolver melhores condições de atendimento e acesso da população aos serviços públicos de saúde, compreender o processo evolutivo no âmbito social, cultural, político e econômico que influenciam a evolução das epidemias e a dimensão geográfica, climática, socioambiental e urbana onde estão inseridas. Como fazer isso ainda é um aprendizado para a sociedade, a comunidade científica, os profissionais e o serviço de saúde.<sup>11</sup>

## REFERÊNCIAS

1. Brasil. Ministério da Saúde. Fundação Nacional de Saúde. Programa Nacional de Controle da Dengue. Brasília: FUNASA; 2002.
2. World Health Organization (WHO). Dengue: guidelines for diagnosis, treatment, prevention, and control. Special Programme for Research and Training in Tropical Diseases. New edition. Geneva: TWHO; 2009.
3. San Martin JL, Brathwaite O, Zambrano B, Solórzano JO, Bouckenoghe A, Dayan GH, et al. The epidemiology of dengue in the Americas over the last three decades: a worrisome reality. *Am J Trop Med Hyg.* 2010;82(1):128-35.
4. Rigau-Perez JG, Ayuso-Lamadrid A, Wolff DR, Reiter P, Kuno G. Dengue severity throughout seasonal changes in incidence in Puerto Rico, 1989-1992. The Puerto Rico Association of Epidemiologists. *Am J Trop Med Hyg.* 1994;51(4):408-15.
5. Guzman MG, Kouri G. Dengue and dengue hemorrhagic fever in the Americas: lessons and challenges. *J Clin Virol.* 2003;27(1):1-13.
6. Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP). Avaliação da qualidade da assistência aos pacientes que foram a óbito por dengue: estudo de casos municipais da região nordeste em 2007: relatório final. Recife: IMIP; 2009.
7. Silva Júnior JB, Siqueira Júnior JB, Coelho GE, Vilarinhos PT, Pimenta Júnior FG. Dengue in Brazil: current situation and prevention and control activities. *Epidemiol Bull.* 2002;23(1):3-6.
8. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Vigilância Epidemiológica. Dengue: diagnóstico e manejo clínico: adulto e criança. Brasília: Ministério da Saúde; 2007.
9. World Health Organization (WHO). Strengthening implementation of the global strategy for dengue fever/dengue haemorrhagic fever prevention and control. Report of Informal Consultation. Geneva: WHO; 2000.
10. Taliberti H, Zucchi P. Custos diretos do programa de prevenção e controle da dengue no Município de São Paulo em 2005. *Rev Panam Salud Publica.* 2010;27(3):175-80.
11. Mendonça FA, Souza AV, Dutra DA. Saúde pública, urbanização e dengue no Brasil. *Soc Nat.* 2009;21(3):257-69.